



Malan: índice do primeiro quadrimestre foi o menor em 20 anos

Governo espera que inflação anual fique em torno dos 20%

CECILIA COSTA E RACHEL BERTOL

O Ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem que o fato de a inflação da Fipe ter subido em abril 0,72 ponto percentual não deveria ser razão para que todo o mercado começasse a extrapolar, fazendo projeções a respeito da inflação anual com base nesta alta. Se o mercado estiver fazendo isso, frisou, vai errar de novo, pois concluirá que a inflação anual ultrapassará 30%, enquanto que o Governo trabalha com uma taxa na casa dos 20%.

— No fim do ano passado, o mercado fez a mesma coisa e errou. Os participantes do mercado chegaram à conclusão que a inflação mensal em dezembro e em janeiro ficaria entre 5% e 6%, e nada disso aconteceu. Agora, já estão trabalhando com inflação anual começando pelo dígito 3. Nós continuamos com o dígito 2 — observou Malan, ao discursar para 700 empresários no Hotel Glória, durante almoço em sua homenagem promovido por 57 entidades patronais, entre elas a Câmara de Comércio Americana e o Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros.

Para o ministro, bem mais importante do que dar atenção a altas sazonais, como foi o caso da Fipe — o índice foi pressionado por aluguel e mensalidades escolares — é ter em mente que no primeiro quadrimestre de 95 a inflação acumulada média — levando-se em conta os principais índices do país, como IGP-M, IPC-R e Fipe — ficou em 6,2%, o que corresponde à taxa mensal de 1,5%. E a inflação mais baixa dos últimos 20 anos, acrescentou, destacando que, no mesmo período de 94, a projeção era de



Hipólito Pereira

Ministro Pedro Malan: se mercado ficar projetando índices de 30%, vai errar

uma inflação anual de 7.000%.

Quanto ao aumento dos carros, Malan disse que era preciso deixar bem claro que não há congelamento — “o congelamento depois se vira contra o Governo, pois, quando acaba, a inflação se vinga” — e que as montadoras podem elevar os preços, já

que houve aumento de custo, devido às negociações trabalhistas:

— Foi uma decisão das montadoras repassar esse aumento para o consumidor, e cabe ao consumidor decidir se vai arcar ou não com a elevação — disse, afirmando esperar que nem to-

“A oferta não pode crescer 30%, 40% ao mês”

Pedro Malan

das as indústrias sigam o exemplo das montadoras, o que, aí sim, seria preocupante.

Durante todo o tempo em que discursou, Malan se mostrou muito bem-humorado, tendo contado várias piadas. A razão do bom humor, deu a entender, foi a melhoria nas contas externas do país em fins de abril e início deste mês e as primeiras vitórias do Governo no tocante às reformas constitucionais.

O fato de estarem entrando novamente recursos externos faz o ministro assegurar que a balança comercial este ano fechará com superávit e não haverá mais perda de reservas. Malan se recusou, porém, durante entrevista, a dizer qual deverá ser o superávit, negando que técnicos do Governo tenham projetado US\$ 5 bilhões.

O Governo vai tomar mais medidas para segurar a expansão do consumo? Malan não respondeu. Disse apenas que vai esperar o efeito das medidas já adotadas, e que a retração virá. Ele espera que o consumidor entenda que está arcando com taxas de juros absurdas quando compra a prazo e prefira poupar o dinheiro até poder comprar à vista.

Reformas

Estamos enviando ao Congresso proposta de mudanças no tocante aos gastos do Governo e no sistema tributário brasileiro. O sistema tributário é complexo e muda com muita frequência. Os investidores estrangeiros reclamam. O sistema tem que ser mais simples, transparente e estável. Temos que combater também o desperdício, a corrupção. Precisamos de uma gestão mais competente da coisa pública. O que sobra hoje para fazer política fiscal é apenas 10% do Orçamento. Se arrecadamos R\$ 6,5 bilhões, ficamos apenas com R\$ 1 bilhão, sendo que R\$ 550 milhões vão para a. Os outros ministros têm de dividir o resto.

Previdência

Entre as reformas que se pretende fazer, a reforma da Previdência é o campo mais minado, mais delicado, e é legítimo que o seja, porque atinge diretamente a sociedade. No entanto, a análise atuarial do sistema brasileiro de Previdência revela que o que está em vigor é insustentável a longo prazo. Além disso, é injusto socialmente: enquanto 15 milhões de brasileiros ganham aposentadoria de até dois salários, há tecnocratas que se aposentam ganhando 38 a 100 salários por mês, sem que a grande maioria tenha contribuído para isso. O país precisa de fundos de pensão privados para que a poupança doméstica cresça.

Consumo

As vendas estão bem, muitíssimo bem, aliás. O Governo tinha certeza, desde o primeiro dia em o real foi emitido, de que o plano seria expansionista, elevaria a renda. Por isso impusemos uma série de recolhimentos compulsórios sobre os depósitos bancários. Agora estamos acompanhando, atentos, o superaquecimento da economia. É possível imaginar uma situação na qual a oferta da indústria tenha de crescer 30%, 40% ao mês? Não, não é. A demanda está crescendo mais do que a economia pode crescer. Temos que evitar isso, porque teremos pressões inflacionárias e desequilíbrio no balanço de pagamentos.

Superávit

Desde o início da crise mexicana temos afirmado que o Brasil não é o México. No ano passado, o México teve déficit em conta corrente de 8% do PIB, e nosso déficit em conta corrente foi de 0,2% do PIB, com superávit de US\$ 10 bilhões na balança comercial. E este ano teremos novamente superávit comercial. Estamos invertendo a situação. Haverá déficit em abril, mas menor do que o março. Quem acompanha o mercado financeiro sabe que o câmbio contratado tem apresentado resultados positivos, acumulando até agora US\$ 2,5 bilhões. O câmbio contratado só foi negativo em novembro e dezembro do ano passado.

Privatização

A ordem econômica está sendo votada no Congresso. Tenho conversado com partidos políticos e lideranças sindicais da Cut e da CGT e sinto que há apoio para as reformas. Qual é o propósito? É simples. O Brasil precisa de investimentos em telefonia, transmissão e distribuição de energia, prospecção de petróleo, mineração, gás. E o setor público não tem dinheiro. É preciso atrair o capital privado doméstico e internacional. Trata-se de uma questão pragmática. Não há nada de ideologia nisso. O resto é que é ideologia, interesses corporativistas. Por isso esperamos que o Congresso responda aos anseios do país.